

A Rāslīlā

Adaptada por Margaret Simpson

Capítulo II

A noite da lua cheia

Shri Krishna, o Senhor de Todos, esgueirou-se floresta adentro, movendo-se silenciosamente entre as árvores. Ele caminhou com tanta suavidade que nem os cervos o ouviram. À sua frente, o Rio Yamuna brilhava prateado à luz da lua que despontava. O ar estava permeado com sons de grilos e sapos, e denso com a fragrância de flores noturnas. Krishna parou para apreciar os sons, os perfumes, o contato com a terra e os troncos sob seus pés. Naquela noite a floresta parecia excepcionalmente viva. Olhos apareciam dentre as sombras, como se cada pássaro, cada animal, cada inseto tivesse vindo assistir. Até as árvores pareciam atentas e focadas na *lila* que estava prestes a acontecer.

Silenciosamente Krishna moveu-se para além das árvores para uma clareira que ficava no alto de uma elevação à margem do rio, cercada de areia prateada. Ele levou a flauta aos lábios e tocou uma única frase. Pura e delicada, ela ressoou brevemente no ar noturno.

No vilarejo, as *gopis* estavam ocupadas com suas tarefas do entardecer, mas a mais alerta de todas apurou os ouvidos e escutou com atenção. Seria esse som a flauta de Krishna? Elas continuaram prestando atenção. Mas, nada. Diante daquele primeiro sinal apenas Radha deixou sua casa, silenciosamente na ponta dos pés. As outras *gopis* voltaram para suas tarefas — estavam cozinhando vegetais, abrindo a massa para *chapatis*, colocando seus irmãos e irmãs menores para dormir.

Então ouviram o som de novo, inconfundível: o som divino da flauta do Senhor, um som tão cativante ao coração que assumia prioridade sobre todas as outras coisas.

Desta vez, nas casas de todo vilarejo, as *gopis* largaram o que estavam fazendo. O arroz transbordou, irmãos e irmãs foram entregues a mães e avós. Desalinhas, mesmo sem se preparar, as *gopis* saíram correndo de suas casas, segurando seus saris, echarpes ao vento. A única coisa que lhes importava naquele momento era estar com Krishna.

A flauta continuava a soar — mágica, atraente, cheia de promessas — conforme as *gopis*, tropeçando nos troncos pelo chão, os cabelos emaranhados pelos espinhos, corriam, cada uma querendo ser a primeira a chegar até Krishna e ganhar o seu amor.

Elas o encontraram numa clareira à beira do Rio Yamuna sentado sobre uma pedra. Ele estava vestido em seda amarela, uma pena de pavão no cabelo, completamente absorvido nos sons intrincados que criava com sua flauta. Sob o luar, sua pele parecia azul. Ofegantes, as *gopis* pararam repentinamente.

— Ele parece diferente — sussurrou uma.

— Ele parece um deus! — disse outra.

— Ele é um deus — disse Radha, apesar de ainda não entender completamente o significado real de suas palavras.

Shri Krishna observava esse jogo; seus olhos saudavam cada *gopi* conforme ela chegava, e cada uma delas sentiu seu olhar encontrar o dele em boas-vindas. Repentinamente tímidas, elas se juntaram num grupo, esperando o que iria acontecer em seguida.

Abaixando a flauta por um momento, Krishna desenhou um grande círculo no ar com seu braço – um convite para que elas começassem a *rasa*. Imediatamente, uma das mulheres mais ousadas deu um passo adiante e começou a dançar. Logo outras se uniram a ela. Com os braços erguidos, elas giravam em deleite. Na presença de Krishna, elas se sentiam livres e tão belas como deusas. As mãos batiam palmas e as tornozeleiras tintilavam, conforme elas se moviam em círculos ao redor do seu príncipe pastor.



© 2023 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.